

A BUSCA

Cortando as Américas de Ushuaia ao Alasca

A BUSCA

Cortando as Américas de Ushuaia ao Alasca

Guilherme Carvalho

Título original: A Busca – Cortando as Américas de Ushuaia ao Alasca.
Copyright © 2013 por Guilherme Carvalho

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes, sem autorização por escrito do autor.

Esta é uma obra fictícia, qualquer semelhança com pessoas e lugares reais é mera coincidencia.

Revisão:
Silvia Malta
Iris Carvalho

Capa e diagramação:
Guilherme Carvalho

1ª Edição

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

Carvalho, Guilherme, 1966-
A Busca – Cortando as Américas de Ushuaia ao Alasca / Guilherme Carvalho; Ed. Clube de Autores, Belo Horizonte: 2013

ISBN: 978-85-8045-581-6

1. Romance

Capítulo 1 – O Livro 10

Capítulo 2 – A Busca 34

Capítulo 3 – Na Terra do Fogo 45

Capítulo 4 - Patagônia 54

Capítulo 5 – Atacama 70

Capítulo 6 – Marco Ligatti 89

Capítulo 7 - Peru 108

Capítulo 8 – Reencontrando o neto de Muhamed 128

Capítulo 9 – Seguindo viagem 144

Capítulo 10 – No Paraíso 152

Capítulo 11 - Despedida 178

Capítulo 12 – América Central 184

Capítulo 13 - Guatemala 207

Capítulo 14 - México 224

Capítulo 15 – Lembranças 241

Capítulo 16 – América..... 257

Capítulo 17 – Terras geladas..... 266

Capítulo 18 – Reflexão 291

Referências 303

Dedico esta Obra a todos os Corações Sonhadores: àqueles e àquelas que um dia já pensaram em mudar tudo em busca da felicidade.

Especialmente dedico esta Obra aos meus pais, à minha filha, à minha esposa e enteada que de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente, me ajudaram a soltar as palavras e me deram inspiração.

Capítulo 1 – O Livro

As nuvens formavam imagens.... observava cachorros, montanhas, pássaros ... tudo em movimento e, na velocidade que uma imagem se formava se dissipava logo em seguida. O calor aumentando a cada minuto que o dia ganhava, o que me levou a perceber as primeiras gotas de suor pingando da minha testa.

Mais um dia iniciava naquela sauna interminável que eram as planícies do Altiplano Peruano. Mesmo assim queria seguir em frente, não iria parar, pois sabia que em breve o outono chegaria e dias amenos iriam surgir.

Como diz o ditado "*cada um sabe o fardo que carrega*". O meu, apesar de não o considerar um *fardo*, tinha iniciado alguns meses antes. Para ser sincero, alguns anos antes, quando pela primeira vez passou pela minha cabeça a ideia de fazer essa peregrinação pela América. Entretanto, foram nos últimos onze meses que tal ideia começou a se tornar realidade. Não poderia ter erro, por isto fui a busca de todas as informações possíveis – se bem que, por mais que busquemos nunca conseguimos evitar os imprevistos que teimam em ocorrer.

Foram noites e mais noites de pesquisas, de leitura e de *donwload* de mapas e trilhas. Fiquei encarregado de traçar uma rota pelos locais sagrados dos povos pré-colombianos que antecederam os Incas nos domínios dos Andes. Minha companheira, Dominique, ficou com a tarefa de buscar a melhor rota para nossa aventura e estruturar toda a logística, o Planejamento Estratégico da nossa viagem, o que, ao contrário de mim, para ela seria muito fácil, pois contava com anos de experiência em planejamento e monitoramento. E assim, sem saber ao certo quando iríamos e mesmo se conseguiríamos realizar esse sonho, iniciamos os trabalhos.

Eu tinha total flexibilidade para me ausentar por longos períodos, já Dominique dependia de conseguir uma licença não remunerada por alguns anos. Mesmo assim, como ela sempre diz *planejar não custa nada* e começamos nossa viagem com meses de preparativos.

Depois de oito meses nos preparando, percebemos que o sonho estava perto e que realmente teríamos condições de realizá-lo. Já tínhamos catalogado e mapeado os locais sagrados dos povos Americanos. Os famosos Incas, os povos pré-colombianos Moche e sua cultura Chimu, os Mayas e Astecas, os Zapotecas, dentre outros que deixaram valiosas relíquias culturais na Argentina, Chile, Peru, Bolívia, Colômbia, Guatemala e México. Minha

querida Dominique havia feito um dos melhores Planejamentos Estratégicos que já vi, suprimentos, tempo de deslocamento, desgaste do veículo, alimentação, e mais uma centena de informação, todas elas minuciosamente conferidas e checadas ao longo de meses, com os custos individualizados por centro de custeio. Faltava apenas o numerário suficiente para a nossa aventura, afinal, seriam necessários mais de 70 mil dólares para os 17 meses de viagem. Pequeno detalhe dentro de um projeto muito bem elaborado por ela.

Em busca do Prates

De posse de todo o material, fui à busca de apoio financeiro para a aventura. Sabia que não seria fácil, mas havia consistência no material, além de um grande apelo cultural e turístico. O primeiro objetivo do projeto/expedição seria ter o veículo adequado para enfrentar trechos de extremo calor e trechos de baixíssimas temperaturas. Sabia que não bastava ter todo o planejamento em mãos, precisava de algo mais. Lembrei logo de um antigo conhecido que tive o prazer de ajudar no início de sua carreira e que hoje desponta como uma dos mais promissores diretores de cinema. N Prates, como ficou conhecido, certamente iria me ajudar, mas o problema era como chegar até ele. Prates estava morando na Califórnia e desenvolvia vários projetos e

documentários não só nos Estados Unidos, como em parte do Leste Europeu. Não seria nada fácil conseguir encontrá-lo. Deixei vários recados nas redes sociais, na sua caixa de *e-mail* e no seu *blog*. Entretanto, os dias foram passando e nada de receber o retorno que desejava.

Já eram meados de novembro quando li, em uma revista especializada, que ele estaria palestrando em um Seminário que seria realizado em Roma, na semana seguinte. Sabia que seria a oportunidade que esperava e dificilmente poderia haver outra. Falei com minha amada sobre esta oportunidade e ela, apesar de achar uma loucura voar até Roma sem ter a certeza que Prates iria me receber ou mesmo lembrar-se de mim, reconheceu que poderia ser uma oportunidade única e que desejava me acompanhar. Como tinha alguns dias de crédito no trabalho, solicitou a compensação dos mesmos para a semana seguinte, o que foi aceito pelo seu chefe. Teríamos, então, nove dias em Roma e, se não conseguíssemos conversar e convencer o Prates de nos ajudar em nossa aventura, pelo menos teríamos passado uma agradável semana na belíssima Roma.

Embarcamos na quinta feira, 22 de novembro em um voo direto de São Paulo para Roma, *Fiumicino*, pela Singapura Air Lines. O Seminário iria iniciar na segunda-feira, 26 de novembro, no *Palazzo Borghese* e o Prates iria palestrar no

dia 28. Sentir o início do inverno de Roma ao lado de Dominique foi um turbilhão de lembranças dos dias que passamos entrelaçados durante nossa Lua de Mel. Mesmo tendo passado mais de uma década, para nós, tudo ainda estava muito vivo na lembrança. Os passeios pela *Piazza di Spagna* em direção a *Piazza Navona* pelas sinuosas ruas e vielas... os beijos molhados a cada passo e as juras de amor trocadas ao deixar moedas caírem na *Fontana Dei Trevi*. Mais uma vez estávamos juntos em Roma.

Chegamos já de madrugada e fomos direto para o Hotel reservado na região da *Villa Borghese*, próximo ao *Palazzo* onde iria acontecer o Seminário. A estratégia era simples: fazer marcação nas proximidades do *Palazzo* na esperança de poder encontrar com o Prates antes do início do Seminário. No primeiro e segundo dia nenhum sinal dele. Andamos pelas ruas da região, passando pelos Cafés e pelos *points* dos artistas e cineastas locais, quando Dominique teve a ideia de irmos fazer uma visita aos estúdios da *Cinecittà*. Apesar de não guardar mais o *glamour* de outrora, os Estúdios da *Cinecittà* ainda conquistavam os saudosistas e era frequentado não só por turistas, mas principalmente pelos amantes da sétima arte. Pegamos um táxi e nos dirigimos esperançosos para lá. Logo ao chegar nos deparamos com um grande movimento no único *Ristorante* situado dentro do

complexo, que não poderia ter um nome mais sugestivo: *Dolce Vita*.

Ao entrarmos no *Dolce Vita*, logo avistamos uma figura sentada na mesa do fundo, era o Nunes, com sua altura e pele escura destacava no meio de tantas pessoas brancas e loiras que estavam nas demais mesas. Nunes acompanha Prates desde o início de sua carreira e sua presença ali nos deu a certeza que o encontraríamos. Dirigimos-nos para ele que logo me reconheceu e veio me cumprimentar com alegria. Apresentações feitas, sentamos os três na mesa. Indaguei sobre o Prates e ele me disse que só chegaria a Roma no dia seguinte, primeiro dia do Seminário. Falei de forma breve sobre os planos e deixei uma cópia detalhada de tudo. Depois de três garrafas de *Chianti* e *una pasta al dente* maravilhosa, nos despedimos com a promessa do Nunes que leria tudo e levaria o Prates até o nosso Hotel.

Amanhecemos na segunda-feira com a sensação de missão cumprida e finalmente relaxamos e fomos rever Roma, suas pinturas e esculturas. Nossa primeira parada foi na igreja *Santa Maria Dei Miracoli*, construída entre 1675 e 1681. Seguimos a pé até a Fontana Del Tritoni na Piazza Barberini, depois de apreciar a obra que transforma o mármore em massa de modelar, tamanhos os detalhes esculpidos, caminhamos pela Via Sistina até encontrar a

Via Del Quirinare para apreciar a bela arquitetura do ano de 1193 do San Carlos Alle Quattro Fontane.

No dia seguinte fomos assistir à palestra do Prates, com as credenciais que o Nunes havia mandado entregar em nosso hotel na noite anterior. Mesmo não sendo nossa praia, o Prates abordou um tema muito interessante, sobre a produção áudio visual como forma de manifestação cultural e preservação de tradições de um povo. Até parecia que ele já tinha conhecimento do nosso Projeto, fato que nos animou ainda mais na certeza de que teríamos ótimas notícias em breve. Após duas horas, foi encerrado mais um dia do seminário e quando estávamos indo embora do Palazzo um mensageiro nos entregou um bilhete inquietante e repleto de mistério que dizia: *domani nella Piaza di San Pietro, seis am, vicino dal carabinieri svizzera*. Ninguém assinou o bilhete que estava em letra de forma perfeitamente lançada no papel. Quem queria nos encontrar no coração do Vaticano no início da manhã? E por quê? Apenas sabíamos que o bilhete não fora escrito pelo Prates, pois ele nos encontrou rapidamente e disse que nosso encontro seria antes do seu regresso para a Califórnia e que nos avisaria no hotel o dia e horário.

A noite foi longa, muita ansiedade e curiosidade não nos deixou dormir tranquilamente, contando os minutos para as seis da manhã. Por cautela, colocamos o alarme para as

5 horas e agendamos um táxi para as cinco e meia. Chegamos à *Piaza di San Pietro* com quinze minutos de antecedência. O frio era grande, aproximadamente cinco graus e quase não se via uma alma viva no local, exceto os bravos integrantes da Guarda Suíça em frente ao imenso portão de ferro de entrada da Cidade do Vaticano. Dirigimos-nos para próximo aos guardas como fomos instruídos no bilhete. Dominique estava apreensiva e buscava identificar algum movimento estranho ao redor olhando por todos os lados. Porém, nada além de poucas pessoas caminhando ao longe de cabeças baixas e ombros encolhidos por causa do frio. Meu relógio marcou seis da manhã e nada, nada havia acontecido. Esperamos andando devagar fingindo apreciar as dezenas de estátuas situadas acima das passarelas laterais da grande praça, sem nos afastarmos muito do portão, mas o suficiente para não chamar a atenção da Guarda Suíça.

Estávamos concentrados em uma estátua do Papa Pio XII, observando os detalhes e beleza da obra quando fomos surpreendidos por uma criança que puxando a ponta do meu casaco, apontou para a minha esquerda e em seguida começou a andar, virando várias vezes em nossa direção e nos acenando com a mão, convidando-nos a segui-lo. Olhei para Dominique como que perguntando será que devemos segui-lo? A resposta foi o primeiro passo dado por ela em direção àquela misteriosa criança. Fui logo

atrás e de mãos dadas, seguimos por vielas milenares ao redor da Cidade do Vaticano até chegar às margens do rio Tibre.

O sol já apontava no céu quando senti uma mão firme em meu ombro que me fez virar bruscamente. Senti, em seguida, uma forte pressão no peito e quando percebi já estava dentro de um ambiente escuro, úmido e com um forte cheiro que não conseguia identificar. Chamei por Dominique que respondeu com um sussurro – "*o que aconteceu, onde estamos?*" Não tinha resposta para sua indagação, pois também as mesmas dúvidas me atormentavam. Tudo ocorreu muito rápido, mas pelo que pude analisar depois, fomos literalmente puxados e empurrados para dentro de algum ambiente que tinha uma porta secreta escondida na muralha que rodeava a margem do rio. Provavelmente estávamos em um compartimento situado abaixo do rio, dentro do seu leito. Devia ser alguma passagem utilizada pelos Romanos para se safar de situações indesejáveis.

Após alguns minutos, que pareceram horas, nossas vistas acostumaram com a escuridão e conseguimos distinguir um longo corredor com pequeno declive. Não havia opção, nos olhamos e seguimos juntos pelo corredor, com todos os sentidos aguçados ao menor sinal que fosse. Após uns vinte minutos de caminhada, aproximadamente

quatro quilômetros, visualizamos uma porta toda trabalhada de ferro. Parei em frente para apreciá-la. Era realmente um trabalho espetacular. Leões em sua base com o olhar para o centro da porta, onde encontrava, em alto relevo, o globo terrestre com uma cruz de malta entalhada e acima um elmo romano. Não fazia sentido a mistura dos símbolos de épocas tão distantes e distintas. Acima do Globo havia vários pássaros que, após alguns segundos de apreciação pude perceber tratar do Condor, ave andina sagrada. Por que haveria um Condor esculpido em uma porta de ferro que, ao que tudo indicava, havia sido feito na era Romana? Alguns outros elementos foram identificados pela Dominique, como uma cobra e um calendário Maya. Nada fazia sentido, nada mesmo.

Buscamos uma forma de abrir a porta e seguir caminho em busca de saída. Não havia argolas, fechadura, nada que pudesse sinalizar que aquela porta poderia ser aberta de onde nos encontrávamos. Sem saber o que fazer, ficamos atônitos, um olhando para o outro. O silêncio sepulcral daquele ambiente foi quebrado por um rugido que estremeceu nossos corações de medo e apreensão. O que acontecia? Em seguida um grande rangido ecoou no ambiente e a porta começou a abrir lentamente, rangendo e estalando. Era como se fosse pancada seca no ferro de uma altura absurda que chegava a ferir nossos tímpanos.

Assim que percebemos que seria possível passar, nos espremememos pela fresta e, sem esperar a porta abrir totalmente, saímos correndo pelo ambiente que surgiu a nossa frente até atingirmos uma parede. Paramos e olhamos em todas as direções e descobrimos que estávamos dentro de um cômodo totalmente pelado de qualquer acessório e adorno, exceto por um pedestal que situava no canto do lado esquerdo da porta com um objeto acima que, por incrível que pareça, era um livro.

Dominique foi à frente e chegou bem ao lado do pedestal, mas não conseguiu sequer atingir com a mão o suposto livro depositado acima. Cheguei perto dela e agachei para ela subir nas minhas costas. Estiquei os braços ao máximo para dar as mãos a ela de forma a manter seu equilíbrio. Minha sorte é que Dominique sempre foi magra e assim não tive dificuldade em sustentá-la ereta sob meus ombros. Ela conseguiu pegar o objeto que estava acima do pedestal com certo esforço. Presumi que não era um simples livro e imaginava de qual material que tinha sido feito, já que papiro não era face ao esforço que Dominique fez ao segurá-lo.

O ambiente continuava em profunda penumbra, o que impedia qualquer tipo de exame na peça que se encontrava nos braços da Dominique. Tínhamos de sair daquele local para poder examinar o livro e tentar

descobrir o que estava ocorrendo. E a única forma era seguir o caminho inverso ao que nos levou até aquele ambiente. Passamos novamente pela porta e seguimos pelo longo corredor, intercalando a missão de levar nos braços o pesado livro, que certamente devia pesar mais de 15 quilos. Suados, cansados e ainda assustados, chegamos ao final do corredor. Tateando as paredes, fomos à busca da passagem por onde fomos jogados horas atrás. Os dedos tentavam desesperadamente encontrar alguma saliência naquelas paredes que poderia ser a chave para nossa liberdade. A tarefa não era fácil, pois não queríamos deixar o livro no chão, que estava úmido e poderia danificá-lo. Assim, íamos nos revezando na tarefa de tatear as paredes até que descobri um pequeno buraco, suficiente para entrar meu dedo médio. Introduzi o dedo e fui girando-o lentamente; percebi uma pequena argola. Tentei por alguns minutos segurar a argola, alcançando-a e a puxei com toda a força que consegui naquele momento. No mesmo instante uma luz surgiu acima de nossas cabeças e pequenas saliências começaram a surgir pela parede até o feixe de luz. Era uma escadaria que através de algum mecanismo entrava ou saia da parede. Assim que o barulho cessou, nos sentimos mais seguros e começamos a subir a parede utilizando as saliências como escada. Chegamos ao topo e a abertura por onde a luz passava foi vencida por nós.

Estávamos em frente ao Castelo de *Sant`Angelo*, às margens do rio e ao olharmos para trás não conseguimos identificar a passagem por onde tínhamos acabado de subir. Não havia nada, nenhum sinal, apenas a grama rala que cobre a margem do rio. Neste instante pensei que tudo não passava de uma ilusão quando, olhando para Dominique, percebi em seus braços uma peça maravilhosa, com um forte brilho dourado e prateado. Já no hotel, trancados em nosso quarto, cortinas fechadas e coração a mil, iniciamos a exploração daquela peça. Realmente era um livro, todo feito de um material semelhante à madeira, mas que não conseguimos identificar qual. Sua capa possuía detalhes dourados e prateados, certamente ouro e prata e centenas de pequenos diamantes e duas pedras vermelhas de um brilho intenso que eram os olhos de uma cobra. Identificamos também o condor, parte do calendário Maya, o Elmo Romano e alguns elementos que poderia ser vasilhames de diversas épocas. Na contracapa havia o pássaro e o macaco da linha de Nazca em alto relevo trabalhados na prata. A Cruz de Malta estava toda cravejada de diamantes e ficava na parte inferior da capa do livro e em alto relevo. Só havia um problema: não havia como abrir o livro que estava enclausurado pela capa como se fosse uma caixa. Não havia nenhuma fechadura e mais uma vez tivemos de analisar e pensar bastante como fazer para ter acesso às páginas do livro.

Passadas mais de duas horas de análise, Dominique, já cansada, bateu com a mão em cima do livro, bem onde se encontrava a Cruz de Malta em diamantes. Na hora houve um suave estalo e a capa desgrudou, permitindo o acesso às páginas.

Tudo que nos aconteceu fez esquecer por completo o motivo que nos levou até Roma naquela semana, até que o mensageiro bateu em nossa porta nos trazendo novamente à realidade. Dominique pegou o livro em seus braços e dirigiu-se ao banheiro e eu fui abrir a porta para o mensageiro que portava um bilhete do Prates agendando um jantar para a noite do dia seguinte no *Ristorante Dante Alighieri* que ficava na famosa *Via Condotti*. Não tive dúvida: Prates realmente estava muito bem, pois nos convidava para um jantar no *Dante Alighieri*, não era qualquer restaurante, simplesmente o melhor da Itália e um dos mais badalados da Europa, comandado pelo Chef *Albertini Abronsi*. Pelo menos iríamos jantar como rei e rainha no dia seguinte.

No horário agendado lá estávamos nós sentados na mesa reservada e dois *Camarieri* nos paparicando. O vinho servido era maravilhoso, oriundo de uma pequena vinícola da Lombardia produzido especialmente para o *Dante Alighieri*. Os pimentões recheados derretiam na boca com um suave toque de alecrim harmonizando

perfeitamente com os camarões servidos de entrada. Revivi os bons momentos do início da carreira do Prates, num papo agradável e saudosista. Lembramos-nos dos primeiros documentários que ele produziu sobre as Tribos Nômades do Alto Paraíba, que tive o privilégio de acompanhar de perto, transportando sua equipe em meu 4x4, tudo registrado pelas lentes do Menezes, que de máquina em punho e uma grande sensibilidade, captou como ninguém os momentos mágicos daquela aventura.

Voltando para a Europa

Após o jantar o Prates finalmente tocou no assunto que nos levou até Roma. Disse que havia ficado impressionado com todo o planejamento e indagou como poderia nos ajudar. Eu na hora olhei para Dominique que, como adivinhando meus pensamentos, iniciou a conversa sem nada mencionar do livro que veio parar em nossas mãos. Por cautela achamos melhor não contar nada a respeito até que entendêssemos o que realmente estava acontecendo. Apenas dissemos que ele poderia nos ajudar produzindo um VT sobre o planejamento, com algumas animações e estatísticas com base na cópia do Plano que entregamos ao Nunes, dias antes. Prates animou-se na hora e disse que iria produzir o VT e também nos pôr em contato com alguns figurões que, certamente, iriam querer ajudar e patrocinar nossa aventura. E assim, três meses

depois desse agradável jantar, estávamos de volta à Europa, agora na antessala da *Virbin* aguardando o todo poderoso Sir. Branson que iria nos receber a pedido do Prates.
Era difícil de acreditar que Sir. Branson realmente iria nos receber. Um dos homens mais ricos e criativos do nosso século que ergueu um império e sempre soube aproveitar as aventuras e oportunidades da vida. Sua última tacada, que teve início na década de 90, foi a construção do primeiro ônibus espacial turístico. Foram mais de duas décadas de trabalho e pesquisa que no mês passado virou realidade, levando os primeiros dez felizardos para uma experiência espacial, sentido a gravidade zero no corpo e admirando o azul da terra do espaço pela bagatela de alguns milhões de dólares. E olha que já tem brasileiro na lista de espera para os próximos voos − Batista e o herdeiro dos Diniz. Enquanto estávamos ali aguardando pensei, quem sabe poderemos entrar nesta lista um dia? E perdido em meus pensamentos, voltei à realidade com a cutucada que Dominique me deu. Olhei à frente e o próprio Sir. Branson de carne e osso estava com a mão estendida e um sorriso no rosto.

A conversa foi ótima e Dominique a conduziu com maestria, já que tinha o domínio da língua inglesa, além de outras mais, como o alemão, o francês e o espanhol. Ao fim de uma hora de conversa, Sir. Branson nos convidou

para passar o final de semana com sua família em uma de suas casas de praia. E lá fomos nós, do escritório da Virbin situado em *Piccadilly Circus* para o aeroporto de *Gatwick* onde embarcamos em um jato executivo − um *Gulfstream* G450 − com capacidade para 12 pessoas muito bem acomodadas em luxuosas poltronas reclináveis de couro e uma infinita parafernália eletrônica a disposição das mãos. Não sabíamos para onde estávamos indo, mas o fato é que, decorridas mais de 3 horas, o comandante, o próprio Sr. Branson, anunciou que iríamos pousar em breve. Somente nesta hora que me dei conta que não tinha sequer olhado pela janela para saber onde estávamos e ao fazer, vi um mar azul turquesa e uma pequena ilha a nossa frente, na rota da aeronave. Olhei para Dominique e apontei a pequena ilha e ela voltando-se para mim apenas disse, *deixamos nossa mala em Londres, e agora, como faremos?*

Minutos após, estávamos desembarcando em Sant Barth, uma das mais exclusivas Ilhas do Caribe com sua pista de pouso prensada entre as montanhas e o azul do caribe com míseros 1.150 metros. Ao iniciar a descida da aeronave, sentimos a brisa do mar em nossa face e o cheiro peculiar da maresia penetrando nossas narinas. O *Staff* pessoal do Sir. Branson já estava em solo nos aguardando. Entramos em um Hummer novinho em folha e no percurso nos serviram um delicioso vinho branco acompanhado de tortilhas. Apesar de inusitada a fusão de

vinho com tortilhas, a combinação foi perfeita. O percurso de menos de 30 minutos até a residência dele foi tranquilo e o papo muito agradável. Ele nos contava sobre os encantos de Sant Barth, como conheceu a Ilha e se apaixonou por ela. O Hummer finalmente parou em frente a um imenso portão de ferro que logo foi aberto automaticamente. Um caminho todo de pedra, ladeado por um jardim impecável, repleto de tulipas e girassóis, se despontou e me lembrou na hora os jardins de Chivernny que tive a oportunidade de desfrutar em uma de minhas idas a França ao lado de minha família. Boas lembranças penetraram em mim, dando uma sensação de conforto e prazer.

O percurso até a casa foi rápido e devia ter no máximo um quilometro. A casa era um show a parte. Ao chegarmos, avistamos apenas enormes paredes de vidro sustentadas por toras de madeira em cima de uma grande pedra que ficava no ponto mais alto da propriedade. O veículo estacionou em baixo da casa ao lado da grande pedra. Descemos e fomos em direção da escada de acesso para o interior da casa, tendo Sir. Branson como anfitrião. Ao chegarmos à casa, entramos pela sala principal, um ambiente de aproximadamente 100 metros quadrados sem uma única parede e todo rodeado de paredes de vidro, dando uma vista de 360 graus de toda a Ilha. O azul do mar do caribe predominava naquela sala. Em um canto,

um jogo de sofás de vime, dois de três lugares e um de dois lugares, com almofadas brancas, tendo uma mesa de centro de vime. No meio da sala havia um desnível em forma circular coberto de almofadões coloridos. Ao nos aproximarmos, percebemos que o teto era todo de vidro e já nos vimos à noite apreciando as estrelas confortavelmente aconchegados nos almofadões. E no canto oposto ao dos sofás, onde estávamos, havia uma grande mesa de banquete, com 16 cadeiras. Tudo era de uma leveza extrema, harmonizando todo o ambiente e dando uma sensação de conforto e aconchego.

Branson nos apresentou a sua linda esposa, a modelo Curtis que arrasava nas passarelas de Milão e Tóquio. Logo atrás dela estavam os serviçais da casa, que foram um a um se apresentando. John, o Cheff, especializado em cozinha mediterrânea como viemos a descobrir; Noa Bal, uma simpática polinésia de meia idade, sempre solícita e com um sorriso contagiante; e Cloé, uma jovem senegalesa esguia, de um inglês carregado e que se prontificou a nos conduzir até nosso aposento. Neste momento lembramos que não tínhamos tido tempo de pegar nossa bagagem no hotel e Cloé, como que adivinhando nossos pensamentos, simplesmente informou que havia preparado alguns acessórios para os dias de nossa estadia e que esperava que fosse de nosso agrado. Assim, seguindo-a, entramos em nosso quarto. Cloé abriu os armários e informou que

todas as roupas haviam sido providenciadas por ela e que agora faziam parte de nosso guarda-roupa pessoal e deveriam preencher as duas malas *Oggi* que estavam do lado esquerdo da porta quando de nossa partida. Disse ainda que Sir. recomendou a ela que deveríamos ter tudo que pudéssemos precisar e que em hipótese alguma admitiria a recusa desse pequeno mimo.
Dominique foi inspecionar o armário e, apesar de não ser ligada à moda e ao glamour, não pôde deixar de reparar nas lindas peças Channel, Carolina Herrera, Dior entre outras que eram estampadas nas etiquetas e reconhecer que ele sabia como ninguém receber e agradar. O primeiro vestido que tirou para experimentar caiu com perfeição, até parece que ela tinha feito a compra ou que o vestido tivesse sido feito sob medida. Porém, percebi um traço de preocupação em seu rosto e ao indagar o motivo, ela me disse que estava preocupada com o trabalho, pois teria de retornar ao Brasil em dois dias já que não havia conseguido licença para esta viagem. Não sabia como abordar a questão com Branson e informar que teríamos de partir no dia seguinte e ainda, sequer tivemos tempo de conversar com ele em detalhes sobre o Projeto.

Como não havia jeito, fui a sua procura para expor minhas preocupações. Ele, como sempre, gentil e amistoso limitou-se a dizer que não deveria me preocupar com questões menores que tudo se resolveria. Ora, como

questão menor? Era a vida profissional de Dominique que estava em jogo. Segurei minha raiva para não ser indelicado com ele, mas não consegui deixar de lançar um olhar de ódio em sua direção. Ele percebeu o turbilhão de emoções que me dominava e apenas disse, já cuidei de tudo, poderia chama-la para que eu possa explicar melhor? Sem entender nada, fui ao quarto buscar Dominique. Sir. Branson já estava sentado confortavelmente nos almofadões da sala quando retornei com ela. Ele virou o rosto e nos chamou para sentar com ele. Sentamos, e, na nossa linha de visão, o mar do Caribe se despontou, acalmando-me e, rapidamente, todo o ódio e raiva que sentia desapareceram. De forma comedida e lenta ele explicou que havia solicitado a um médico brasileiro de sua confiança que fizesse contato com o empregador de Dominique informando que, por questões de saúde, ela ficaria ausente por algumas semanas.

Dominique protestou na mesma hora, pois não tolerava mentiras, mas ele apenas sorriu e disse que tem momentos que uma pequena mentira deve ser dita para proteger algo bem maior e que poderia beneficiar centenas e talvez milhões de pessoas.

Sem nada entender olhei para ele e para Dominique e antes que pudesse dizer algo, ele continuou a se explicar – *olha, já li todo o Projeto que o Prates me enviou e estou*